

# Sobre a Prática e a Contradição

## SÉRIE REVOLUÇÕES

*Sobre a Prática e a Contradição*

Mao Tsé-Tung, apresentado por Slavoj Zizek

*Virtude e Terror*

Maximilien Robespierre, apresentado por Slavoj Zizek

### PRÓXIMOS TÍTULOS

*A Declaração de Havana*

Fidel Castro, apresentado por Tariq Ali

*Abaixo o Colonialismo*

Ho Chi Mìn, apresentado por Walden Bello

*Jesus Cristo: os Evangelhos*

Jesus Cristo, apresentado por Terry Eagleton

*Terrorismo e Comunismo*

Trótski, apresentado por Slavoj Zizek



Mao Tsé-Tung

# Sobre a Prática e a Contradição

apresentado por **SLAVOJ ZIZEK**

Tradução:  
José Maurício Gradel

 **ZAHAR**  
Jorge Zahar Editor  
Rio de Janeiro

Título original:  
*On Practice and Contradiction*

Tradução autorizada da primeira edição inglesa,  
publicada em 2007 por Verso,  
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2007, Verso  
Copyright da Introdução © 2007, Slavoj Žižek

Capítulos 1, 3, 4, 6, 7 e 10 publicados em *Selected Works of Mao Tse-Tung*,  
Foreign Languages Press, Pequim, 1967; copyright © 1967, Foreign Languages Press.  
Capítulos 2, 8, 9, 11 e 12 publicados em *Selected Works of Mao Tse-Tung*,  
Kranti Publications, Secunderabad, 1990; copyright © 1990, Kranti Publications.  
Todos os direitos reservados.

Copyright da edição brasileira © 2008:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: jze@zahar.com.br  
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

Mao, Tse-tung, 1893-1976  
M253s Sobre a prática e a contradição / Mao Tsé-Tung; apresentação por  
Slavoj Žižek; tradução, José Maurício Gradel. — Rio de Janeiro: Jorge  
Zahar Ed., 2008

(Revoluções)

Tradução de: On practice and contradiction  
Contém glossário e cronologia  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-378-0073-7

1. Mao, Tsé-tung, 1893-1976 – Visão política e social. 2. China – Po-  
lítica e governo – 1949-1976. 3. Comunismo – China. I. Žižek, Slavoj,  
1949-. II. Título. III. Série.

---

08-1342

CDD: 951.057  
CDU: 94(510)1949/...”

---



# SUMÁRIO

SLAVOJ ZIZEK apresenta: Mao Tsé-Tung, “Senhor do Desgoverno” marxista 7

- 1 Uma só centelha pode iniciar um incêndio na pradaria 39
- 2 Opor-se à veneração por livros 53
- 3 Sobre a prática: sobre a relação entre conhecimento e prática, entre saber e fazer 64
- 4 Sobre a contradição 83
- 5 Combater o liberalismo 127
- 6 O povo chinês não pode ser intimidado pela bomba atômica 131
- 7 O imperialismo norte-americano é um tigre de papel 134
- 8 A respeito do livro de Stálin *Problemas econômicos do socialismo na União Soviética* 139
- 9 Crítica ao livro de Stálin *Problemas econômicos do socialismo na União Soviética* 146
- 10 Sobre o modo correto de lidar com as contradições em meio ao povo 161
- 11 De onde vêm as idéias corretas? 204
- 12 Conversa sobre questões de filosofia 207

*Notas da Introdução* 231

*Fontes utilizadas* 233

*Sugestões de leitura* 234



## O imperialismo norte-americano é um tigre de papel

14 de julho de 1956

*Parte de uma conversa com duas figuras públicas latino-americanas.*

Os Estados Unidos ostentam por toda parte a bandeira anticomunista como justificativa para perpetrar a agressão contra outros países.

Os Estados Unidos têm dívidas por toda parte, devem não só aos países da América Latina, Ásia e África, mas também aos povos da Europa e da Oceania. O mundo inteiro, incluindo a Inglaterra, não gosta dos Estados Unidos. As massas do povo não gostam deles. O Japão não gosta dos Estados Unidos porque é oprimido por eles. Nenhum dos países do leste está livre da agressão norte-americana. Os Estados Unidos invadiram nossa província de Taiwan. O Japão, a Coreia, as Filipinas, o Vietnã e o Paquistão, todos sofrem a agressão dos Estados Unidos, mesmo que alguns sejam seus aliados. Os povos estão insatisfeitos, e em alguns países as autoridades também.

Todas as nações oprimidas querem a independência.

Tudo está sujeito a mudança. As grandes forças decadentes darão lugar às pequenas forças recém-nascidas, que se transformarão em grandes forças porque a maioria do povo exige essa mudança. As grandes forças imperialistas dos Estados Unidos se tornarão pequenas porque o povo norte-americano também está insatisfeito com seu governo.

Ao longo de minha vida eu mesmo testemunhei tais transformações. Alguns de nós, aqui presentes, nascemos durante a dinastia Ching, e outros depois da Revolução de 1911.

A dinastia Ching foi derrubada há muito tempo. Por quem? Pelo partido liderado por Sun Yat-sen, junto com o povo. As forças de Sun Yat-sen eram tão pequenas que os funcionários Ching não as consideraram com seriedade. Ele liderou muitas revoltas, que falharam de modo recorrente. No final, no entanto, Sun Yat-sen derrubou a dinastia Ching. O tamanho não é algo a temer. Os grandes serão derrubados pelos pequenos. Os pequenos se tornarão grandes. Depois de derrubar a dinastia Ching, Sun Yat-sen encontrou-se com a derrota, porque falhou em satisfazer os pedidos do povo, tais como demandas de terra e oposição ao imperialismo. Nem entendeu a necessidade de suprimir os contra-revolucionários, que então se moviam livremente. Mais tarde, ele sofreu derrota nas mãos de Yuan Shih-kai, o líder dos generais do norte. As forças de Yuan Shih-kai eram superiores às de Sun Yat-sen. Aqui, outra vez, operou aquela lei: pequenas forças unidas ao povo se tornam fortes, enquanto grandes forças opostas ao povo se tornam fracas. Subseqüentemente, os revolucionários democrático-burgueses de Sun Yat-sen cooperaram conosco, os comunistas, e juntos derrotamos o esquema dos generais deixado atrás por Yuan Shih-kai.

O governo de Chiang Kai-shek na China foi reconhecido pelos governos de todos os países, durou 22 anos, e suas forças eram as maiores. Nossas forças eram pequenas, 50 mil membros do Partido no começo, mas só alguns milhares depois das supressões contra-revolucionárias. O inimigo criou problemas por toda parte. Outra vez operou aquela lei: os grandes e fortes terminam derrotados porque estão divorciados do povo, enquanto os pequenos e fracos emergem vitoriosos porque estão ligados ao povo e trabalham por ele. Assim se deram as coisas no final.

Durante a guerra antijaponesa, o Japão era muito poderoso, as forças do Kuomintang foram obrigadas a ir para o interior, e as forças armadas lideradas pelo Partido Comunista só podiam praticar guerrilha nas áreas rurais, além das linhas inimigas. O Japão ocupou grandes cidades chinesas, como Pequim, Tianjin, Xangai, Nanquim, Wuhan e Cantão. Mesmo assim, como Hitler na Alemanha, os militaristas japoneses entraram em colapso em poucos anos, de acordo com a mesma lei.

Sofremos inúmeras dificuldades e fomos levados do sul ao norte, enquanto nossas forças caíram de várias centenas de milhares a algumas poucas dezenas de milhares. No final da Longa Marcha de 12.500km, tínhamos apenas 25 mil homens conosco.

Na história de nosso Partido ocorreram muitas linhas errôneas de “esquerda” e direita. As mais graves de todas foram a linha de direita de Chen Tu-hsiu e a linha de “esquerda” de Wang Ming, que se desviavam da doutrina do Partido. Além disso, houve os erros de desvio de direita cometidos por Chang Kuo-tao, Kao Kang e outros.

Também existe o lado bom dos erros, pois eles podem educar o povo e o Partido. Temos muitos professores pelo exemplo negativo, como o Japão, os Estados Unidos, Chiang Kai-shek, Chen Tu-hsiu, Li Lisan, Wang Ming, Chang Kuo-tao e Kao Kang. Pagamos um preço muito alto para aprender com esses professores pelo exemplo negativo. No passado, a Inglaterra entrou em guerra conosco muitas vezes. Inglaterra, Estados Unidos, Japão, França, Alemanha, Itália, Rússia czarista e Holanda, todos estavam interessados em nossa terra. Foram todos nossos professores, pelo exemplo negativo, e nós fomos seus alunos.

Durante a Guerra de Resistência, nossas tropas cresceram e chegaram a 900 mil homens, combatendo contra o Japão. Depois veio a Guerra de Libertação. Nossas armas eram inferiores às do Kuomintang. As tropas do Kuomintang naquela época chegavam a quatro milhões de homens, mas em três anos de luta nós liquidamos ao todo com oito milhões deles. O Kuomintang, apesar de ajudado pelo imperialismo norte-americano, não pôde nos derrotar. Os grandes e fortes não podem vencer, são sempre os pequenos e fracos que terminam vencendo.



Agora o imperialismo norte-americano parece bem poderoso, mas na realidade não é. É muito fraco politicamente porque está divorciado das massas do povo e é antipatizado por todos, e até pelo povo norte-americano. Na aparência é muito poderoso, mas na realidade não é nada a se temer: é um tigre de papel. Externamente tigre, é feito de papel, incapaz de resistir ao vento e à chuva. Acredito que os Estados Unidos não são mais que um tigre de papel.

A história como um todo, a história da sociedade de classes durante milhares de anos, provou este ponto: os fortes devem dar lugar aos fracos. Isso é verdade para as Américas também.

Só quando o imperialismo for eliminado pode prevalecer a paz. Dia virá em que os tigres de papel serão liquidados; eles, porém, não se extinguirão por acordo próprio: devem ser batidos pelo vento e pela chuva.

Quando dizemos que o imperialismo norte-americano é um tigre de papel, estamos falando em termos de estratégia. Considerado em seu todo, devemos desprezá-lo, mas considerando cada parte, devemos tomá-lo seriamente. Ele tem presas e garras. Devemos destruí-lo gradualmente. Por exemplo, se tiver dez presas, quebre uma da primeira vez, e restarão nove; acabe com outra, e restarão oito. Quando todas as presas tiverem sido destruídas, ele ainda terá as garras. Se tratarmos disso passo a passo e com seriedade, certamente venceremos no final.

Estrategicamente, devemos desprezar por completo o imperialismo norte-americano. Taticamente, devemos levá-lo a sério. Lutando contra ele, devemos encarar cada batalha, cada encontro, com seriedade. Atualmente, os Estados Unidos são poderosos, mas quando examinados em perspectiva mais ampla, como um todo e do ponto de vista de longo prazo, eles não têm apoio popular, suas políticas não são simpáticas ao povo, que eles oprimem e exploram. Por essa razão, o tigre está condenado. Portanto, nada há a temer, e pode ser desprezado. Mas hoje os Estados Unidos ainda têm força, produzindo mais de 100 milhões de toneladas de aço por ano e atacando em todas as partes. Por isso devemos continuar a lutar contra eles, lutar com toda nossa força e disputar com eles cada posição. E isso leva tempo.

Parece que os países das Américas, Ásia e África terão de continuar combatendo os Estados Unidos até o fim, até que o tigre de papel seja destruído pelo vento e pela chuva.

Para opor-se ao imperialismo norte-americano, as pessoas de origem européia nos países latino-americanos devem unir-se aos indígenas nativos. Talvez os imigrantes brancos da Europa possam ser divididos em dois grupos, um composto por governantes e o outro por governados. Isso deverá tornar mais fácil para o grupo de pessoas brancas oprimidas aproximar-se das pessoas nativas, pois sua posição é a mesma.

Nossos amigos na América Latina, Ásia e África estão na mesma posição que nós e fazem o mesmo tipo de trabalho, alguma coisa para o povo a fim de diminuir sua opressão pelo imperialismo. Se fizermos um bom trabalho, poderemos erradicar a opressão imperialista. Nisso somos camaradas.

Somos da mesma natureza que vocês em nossa oposição à opressão imperialista, só diferindo na posição geográfica, nacionalidade e língua. Mas somos diferentes do imperialismo por natureza, e a mera visão dele nos adocece.

Para que serve o imperialismo? O povo chinês não fará uso dele, nem o farão os povos do resto do mundo. Não existe razão para a existência do imperialismo.